

Viva o Imperador!

Põe-me ao pé do cruzeiro magestoso
Que no antartico ceu vivo scintilla
Fitando sempre o meu Brasil saudoso.

PEDRO II

A' se foram noventa e cinco annos, que a nação brasileira ia em peso aos pés de um berço saudar o nascimento de uma creança. Contemplava-a, na phrase de Alencar, com a effusão do homem que contempla seu primeiro filho e assim, continuou a contemplal-a por tres lustros, nunca desmentindo o amor devotado que sentia por aquella a quem mais tarde deveria entregar seus destinos. Quinze annos de incerteza e de angustias em que o terrivel ponto de interrogação, que preside aos primordios de todos os reinados, em todas as monarchias, pairava deante dos patriotas, atormentando-os, como a Caim atormentava o olho divino que o auctor da *Lenda dos Seculos* imaginou postado perennemente á vista do fraticida.

Seria um demente, á maneira de Caligula ou um tyranno, que abusando de suas liberdades de primogenito, mancharia de sangue um reinado? Por todo o Imperio se perguntava, á puridade, quaes os destinos a que levaria o recém-nado, á nação. Os que pespontavam de mais videntes, procuravam ler através da diaphaneidade do futuro, o que seria o paiz sob o sceptro desse filho dos Braganças, nascido fóra da visinhança dos thronos que se disputavam na Europa a posse do mundo.

E' de crer que um bafejo de esperança, ainda que peneirado pelos eventos que motivaram a abdicação do primeiro Imperador, e o estupor geral que esta causara, prognosticassem melhores dias. Não é, todavia, licito acreditar que os Jeremias de então, que já os havia, fossem sem numero e cooperassem um tanto para o augmento do grande mal estar que pesava então sobre a patria. O Imperio attingira seu momento psicologico. Uma só preocupação possuíam os brasileiros, para uma só figura viravam-se todos anciosos por assistir o desenlace desse momento fatal.

Era esse o estado de espirito da nação, quando Pedro Segundo assume as redeas do poder... Novas aclamações, novos applausos, assignalam a passagem do paiz para um novo periodo que todos aguardavam com anciedade. Vida nova, era o lemma da patria. E, pela segunda vez, partiu de todos os peitos, amistososo e sincero o "*Viva S. M. o Imperador!*" Passaram-se os tempos e os mais optimistas viam cumprir-se com fulgor nunca prenunciado, suas prophcias. O principe, que tanto dera que pensar aos patriotas nos dias que antecederam a seu reinado, identificara-se agora com a propria patria, com ella palpitava, participando de todas as suas vicissitudes e de todas as suas glorias. Deu-lhe o que de melhor podia dar, deu-lhe a liberdade.

Annos mais tarde, M. Ed. de Grelle, ministro da Belgica, paiz justamente afamado pela

sua constituição excessivamente liberal, admirava-se do grau que attingia, entre nós, aquelle sentimento. "*Sur la terre brésilienne*", dizia elle, "*au milieu de la plus belle et plus riche nature du globe fleurit la vraie liberté.*"

B. Mossé, no seu livro sobre o Imperador, dizia que a causa disso era ter D. Pedro collocado a Magestade, não na prerrogativa, não na pessoa, mas no character e nas obras. "*Democracia corôada*" é como nos appellidara Bartholomeu Mitre, que apesar de republicano, apontava como modelo de liberalismo e tolerancia, o unico paiz monarchico da America.

De mãos dadas á liberdade, pompeava, no Imperio, o progresso, e o premio que pelo seu devotamento á patria merecia D. Pedro II, não tardou que recebesse, e foi a estima

dos brasileiros, sincera e unica. A affeição ao Imperador tornou-se então, um sentimento profundamente nacional. Nella, como dizia o Visconde de Taunay, nada havia de condicional; nada desses intuitos que prendem o soberano á nação; nada dos desumbramentos do poder supremo; nada dos habitos de servilismo ou das praxes tão caras á indole dos cortezãos; nadá interesseiro a bem da divisão em castas ou desses, não raras até em genuinas republicas. E o "*Viva o Imperador!*" continuou a ser repetido a cada um dos arroubos de gloria da patria que os eram também do soberano.

Como sóe acontecer sempre, não tardou o apparecimento de invejosos que tomaram a peito fazer uma campanha contra o homem a quem o Brasil tudo devia. A essa vil campanha de odios, que soffreu com a maior resignação, seguiu-se a expulsão do paiz que tanto amava, pelo povo que tantos beneficios lhe devia.

Assim, aquelle que merecera a admiração de Victor Hugo, Pasteur, Lamartine, A. Dumas, Gladstone e Darwin, era victima da ingratição de seus compatriotas! E desde então, por trinta annos até hoje, não se ouviu mais o "*Viva o Imperador!*" que a nação conclamava aos triumphos do monarcha e do paiz. Apenas chegavam até nós os echos longinquos das aclamações dos sabios e da imprensa do Velho Mundo que até sua morte não deixaram de o proclamar "*Imperador philosopho*" e "*Marco Aurelio americano*".

Conta-se que o notavel sabio Adolpho Frank estando a fazer uma prelecção acerca do problema da escravidão e percebendo a presença de D. Pedro II que assistia incognito, assim se dirigiu aos ouvintes:

"Un grand empereur moderne a pris a coeur de supprimer dans son vaste empire

cette plaie sociale que deshonoré l'humanité.

"Cet empereur philanthrope et sage n'est pas un mythe; il existe réellement; il est plein de vie, il parcourt toutes les capitales de l'Europe, pour y étudier les institutions et les mœurs occidentales. Non, cet empereur n'est pas un mythe; vous pouvez, messieurs, le voir, lui parler et contempler sa face auguste; il est en Europe, en France, parmi vous, au milieu de vous; il est a vos côtés!..."

Immediatamente, refere um escriptor monarchista digno de todo o credito, todos os espectadores se levantaram, surprehendidos e avidos por contemplar aquelle condiscipulo regio, cuja presença alli não suspeitavam; e vendo-o sereno e magestoso dominando todos pela estatura avantajada e nobre, o auditorio electrizou-se e freneticos applausos reboaram espontaneos, saudando o Imperador philosopho. (1)

Um homem de tantas virtudes e que tanto fez pelo seu paiz bem merecia dos brasileiros um parenthesis nas paixões politicas e uma justa homenagem, cuja realização já vae tardando.

Não se justifica mais a permanencia em terra extranha dos restos mortaes daquelle que em vida foi a encarnação perfeita da bondade e da justiça. E' uma covardia infanda, a de temerem que os despojos de D. Pedro II como os de sua augusta esposa possam abalar algo, a nossa actual forma de governo. Esquecem-se os ingratos de que foi sob sua augusta sombra, protegidos por sua clemencia incomparavel, que os propagandistas da republica pregaram e implantaram o actual regimen. Felizmente, o sr. Epitacio Pessoa teve a feliz lembrança de, na ultima mensagem apresentada ao Congresso Nacional, contemplar devidamente essa questão.

Se o enthusiasmo de minhas dezeseite primaveras ainda não polluidas pelo *virus* das paixões politicas, pudessem projectar ondas de luz e eloquencia sobre estas palavras, eu ouzaria pedir a s. excia. que estendesse a sua magnanimidade fazendo revogar o decreto, já sem razão de ser, do banimento á familia imperial.

E' meu anhelos e, creio, de todos os bons brasileiros que possamos, ainda uma vez, como os discipulos de Frank e nossos compatriotas de antanho, fazer reboar o "*Viva o Imperador!*" em nada extemporaneo, pois, como disse Affonso Arinos parodiando a phrase de um orador celebre no elogio funebre a José Bonifacio, "morto, elle é ainda maior do que vivo."

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

S. PAULO, 1920.

(1) Léo do Amaral — *O Imperador.*